



DICAS PARA MOBILIZAÇÃO

DA

COMUNIDADE ESCOLAR

INDICADORES DA ♦ QUALIDADE ♦ NA EDUCAÇÃO

AMPLIANDO A PARTICIPAÇÃO NA
AVALIAÇÃO EDUCACIONAL



Agradecemos ao Instituto Embraer que disponibilizou os planos de ação aqui analisados. Esses planos foram elaborados por cerca de 100 escolas que participaram, no ano de 2008, do Programa Ação na Escola. Localizadas na região do Vale do Paraíba/SP, essas escolas utilizaram os Indicadores da Qualidade na Educação, avaliaram e elaboraram seus planos de ação com a participação da comunidade escolar.

Equipe da Ação Educativa

SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO	4
2.	O QUE É MOBILIZAR?	6
3.	ALGUMAS EXPERIÊNCIAS.....	8
4.	AMARRANDO OS FIOS.....	12
5.	BIBLIOGRAFIA INDICADA	13
6.	A ONG AÇÃO EDUCATIVA	14

1. APRESENTAÇÃO

Desde 2003, a Ação Educativa, com apoio do UNICEF e do MEC, vem desenvolvendo os *Indicadores da Qualidade na Educação*, instrumento de autoavaliação institucional que visa o envolvimento de toda a comunidade escolar em processos de melhoria da qualidade educativa. O instrumento consiste numa proposta metodológica de avaliação participativa e em um conjunto de indicadores por meio dos quais a comunidade julga a situação de diferentes aspectos de sua realidade, identifica prioridades, estabelece planos de ação, implementa e monitora seus resultados.

Os *Indicadores da Qualidade na Educação* foram desenvolvidos com a colaboração de diversas organizações atuantes no campo educacional, ONGs, secretarias de educação, órgãos do MEC e profissionais de escolas de diversas regiões do país, por meio de uma metodologia participativa que incluiu a realização de várias oficinas e pré testes em unidades educacionais. Tal forma de elaboração permitiu que os materiais nascessem apontando indicadores de avaliação frutos do consenso entre instituições que têm grande conhecimento sobre as políticas educacionais no país e sobre as necessidades de melhoria de sua qualidade. Atualmente há versões dos Indicadores para o Ensino Fundamental (2004, 2005, 2006, 2013), para a Educação Infantil (2009), e Relações Raciais na escola (2013).

Depois do lançamento da 1ª edição dos Indicadores para o Ensino Fundamental, a Ação Educativa, com apoio dos parceiros, concentrou esforços na disseminação do material por meio de um hot site hospedado na página da Ação Educativa na Internet e atividades de formação de gestores e equipes escolares, que chegaram a aproximadamente 60 redes de ensino municipais e estaduais.

O material para a educação infantil foi lançado em 2009 com base nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil e em um conjunto amplo e representativo de entidades e profissionais da área de educação infantil participou de sua elaboração. Os *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil* foram adotados pelo MEC como parte de suas políticas coordenadas pela COEDI – Coordenação-geral de Educação Infantil. Mais de 300 mil exemplares do material foram distribuídos para as instituições de educação infantil do país.

Os *Indicadores Relações Raciais* foram elaborados por Ação Educativa em diálogo com comunidades escolares, pesquisadores/as e ativistas do campo da educação das relações raciais. Buscam enfrentar este que é um dos grandes obstáculos – negado e invisibilizado – à garantia do direito humano à educação de qualidade no Brasil: o racismo. O material integra a coleção de materiais Educação e Relações Raciais: apostando na participação da comunidade escolar, elaborado com apoio da Comissão Européia no Brasil, Unicef, Instituto C&A e Save the Children UK. A coleção está comprometida com a implementação da LDB alterada pela lei 10.639/2003, que torna obrigatório em toda a educação básica (pública e privada) a educação das relações raciais e o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira.

Os *Indicadores de Relações Raciais* estão integrados à Coleção *Indicadores*, na perspectiva de localizar a educação das relações raciais como questão fundamental do debate sobre qualidade educacional no Brasil.

Os usos dos *Indicadores* tem demonstrado que o material consegue fazer com que a comunidade escolar perceba e debata quais são as ações, atitudes e insumos necessários ao desenvolvimento de uma educação de qualidade, considerando o contexto no qual a discussão ocorre. Tem sido utilizado por algumas redes de ensino, sob coordenação das Secretarias de Educação, gerando resultados importantes tais como subsídios para a redefinição dos projetos políticos pedagógicos das escolas e para a construção de Planos Municipais e Estaduais de Educação, mostrando-se potencialmente efetivo na sua capacidade de ampliar o diálogo entre a escola e os órgãos do sistema educacional.

Um grande desafio percebido a partir do acompanhamento das experiências de utilização dos *Indicadores da Qualidade na Educação* é a participação da comunidade escolar, sobretudo dos familiares. Certamente este é um desafio que está posto para todos os profissionais da área da educação que se propõe a gerir a escola de maneira democrática.

Esse texto foi elaborado com a intenção de contribuir para a discussão sobre mobilização e participação da comunidade escolar nas discussões dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas e das políticas educacionais. Ele traz experiências reais de mobilização das comunidades escolares de escolas que participaram do projeto “Ação na Escola 2008” – desenvolvido pelo Instituto Embraer, no Vale do Paraíba. Essas experiências se configuram como “dicas” e podem contribuir para que práticas sejam implementadas em diferentes contextos escolares que têm um propósito comum: a discussão democrática sobre qualidade na educação.

2. O QUE É MOBILIZAR?

Mobilização pode significar o envolvimento de um grupo grande de pessoas para reivindicar algum direito, tal como foi o movimento pelas Diretas Já, que reivindicou o voto direto para Presidente da República, ou o movimento de mães crecheiras em São Paulo (SP), com o intuito de implantar creches públicas em bairros periféricos. Um outro exemplo foi o Fora Collor, a favor do *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Melo. Estes casos são mais recentes, mas se olharmos mais para trás encontraremos outros exemplos de mobilizações que (re)conquistaram direitos.

Manifestações coletivas pelo direito a creches, pelo direito a eleições diretas ou mesmo pela renúncia de um presidente jamais seriam possíveis caso não houvesse a concepção de que o mundo em que vivemos é construído socialmente. No nosso caso, a singularidade da vida democrática pode ser transformada, pois a ação e, principalmente, a ação coletiva carrega em si a possibilidade de mudança – em outros momentos, a vida não era bem assim...

Aquele que nascia escravo na *pólis* grega vivia nessa condição até o fim de sua vida; na Idade Média, o filho de um camponês jamais se tornaria rei. Seja escravo ou camponês, a posição destas pessoas eram imutáveis durante toda vida, pois esses lugares sociais eram determinados pelo nascimento. No entanto, quando a república passou a ser o sistema político preponderante no Ocidente, essas diferenciações a partir do nascimento deixaram de existir como determinantes e inalteráveis.

A partir da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão em 1789, pela primeira vez na história homens e mulheres passaram a ser compreendidos como iguais em direitos desde o nascimento. A concepção igualitária e libertária presente na essência da Declaração nos permitiu, a partir de então, entender que transformação é um processo constante na nossa vida social – e é de extrema importância que façamos parte dela. Hoje, por exemplo, o trabalho escravo não é mais aceito em nossa sociedade, mas nem sempre foi assim, não é?

A idéia de que a ordem social em que vivemos é maleável traz consigo outro importante conceito, o de espaço público. Para além das ruas e das praças, é o local onde se faz Política – a letra “p” maiúscula se fez necessária para diferenciar do que se faz hoje à boca pequena –, isto é, trata-se do local no qual as pessoas discutem e agem em busca de direitos e melhorias.

Como nos casos relatados anteriormente, foi a ação¹ coletiva no espaço público – fazendo Política – que garantiu o direito ao voto para as mulheres, que construiu creches nas periferias, que

¹ A filósofa alemã, erradicada nos Estados Unidos da América, Hannah Arendt, afirmava que é a possibilidade de agir em conjunto que distingue o ser humano dos animais. Diz ela: “A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história. [...], a ação é a mais intimamente relacionada com a condição humana da natalidade; o novo começo inerente a cada nascimento pode fazer-se sentir no mundo somente porque o

possibilitou aos brasileiros o poder de votar para presidente após longos 20 anos de ditadura militar e, também, que permitiu depor um presidente. Enfim, pelo uso da palavra e dos direitos individuais, políticos e sociais, as pessoas transformam a realidade.

Podemos também, entender o conceito de mobilizar como sinônimo de agregar um grupo de pessoas para uma atividade específica, como no caso da avaliação participativa proposta pelos *Indicadores da Qualidade na Educação*. Aos olhos menos atentos, a tarefa pode parecer mais simples, afinal não se estará mobilizando milhares de pessoas. Porém, trata-se de uma tarefa complexa, pois a contemporaneidade nos impõe inúmeros desafios que nem sempre são fáceis de diagnosticar e muito menos de encontrar e de implementar soluções que ajudem a escola a administrar seus grandes dilemas.

Além disso, não basta acreditar nessa mobilização, é preciso disponibilizar tempo para propor, viabilizar, conduzir e sustentar essa prática para que seja incorporada no cotidiano escolar.

Há, no próprio cotidiano da escola, espaços democráticos de participação em que pessoas podem e devem ser mobilizadas na perspectiva de contribuir com a discussão sobre qualidade educativa e que nem sempre nos damos conta. É o caso das reuniões de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), em que professores/as são mobilizados/as para estudo e discussões sobre o ensino nas escolas; as reuniões de pais, mães e mestres; o Conselho Escolar e Grêmios Estudantis.

Outros momentos organizados pelas escolas como as festas que preenchem o calendário escolar possibilitam interação entre professores, gestores, alunos, pais, mães, funcionários e comunidade em geral e também podem ser exemplos de mobilização para participação.

recém-chegado possui a capacidade de iniciar algo novo, isto é, de agir." (ver mais em ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.)

3. ALGUMAS EXPERIÊNCIAS

Ao pensarmos em processos participativos de reflexão e proposição de soluções coletivas para problemas, automaticamente nos lembramos das dificuldades e do trabalho que um processo como este requer. Afinal, “os pais não se interessam pelos filhos”, “as mães só querem saber da frequência para não perder Bolsa-isso ou o Bolsa-aquilo” ou mesmo “ninguém participa de nada e isso é um problema social!”

Esses são alguns argumentos que revelam frustrações em tentativas de envolver, por exemplo, pais e mães nas questões referentes à escola.

Uma das preocupações pertinentes é “o que fazer para que as pessoas participem das reuniões”? A resposta, se é que há, não é simples. Obviamente não há uma única solução, uma fórmula mágica ou uma “receita de bolo”, mas existem experiências que podem inspirar práticas. A seguir, serão apresentadas algumas dessas experiências de escolas do Vale do Paraíba ao utilizarem os *Indicadores*. Vejamos!

Uma primeira questão fundamental é *dotar de significado* a reunião. Muitas vezes quem convoca uma reunião vê claramente quais são as razões para tanto, mas o mesmo pode não ocorrer para as outras pessoas envolvidas. Assim, é importante esclarecer e apresentar a proposta da reunião com calma, clareza, antecedência e, sobretudo, criatividade.

Com o objetivo de obtermos uma participação efetiva da comunidade, aproveitamos o dia da **Reunião de Pais e Mestres** para estabelecer uma **discussão sobre os Indicadores** (...)

É de **conhecimento** de toda comunidade o processo de avaliação, mesmo porque tornou-se um **processo da escola**, e consta no nosso **Projeto Educativo** - os Indicadores auxiliam na constituição de diagnóstico e na elaboração das metas a serem atingidas.

No início do encontro foi **explicada a dinâmica de funcionamento, os objetivos dos Indicadores de qualidade da educação** e todos acharam importante o poder de voto que teriam e a facilidade das cores para diagnosticar problemas, falhas e sucessos na escola.

Ao **preparar** o espaço para o encontro elaboramos cartazes que continham **explicações** sobre o projeto, o que **facilitou a compreensão** da metodologia de todas as dimensões e indicadores.

Ficou definido que o convite seria feito através de **circular aos pais** e de **conscientização** dos alunos sobre a importância da participação de todos no processo.

Foram confeccionados **convites em forma de aperto de mão** com os seguintes dizeres **"Vamos dar as mãos..." e dentro: "e construir uma escola melhor"**. Nesse **convite** consta a data e horário da reunião na escola. Como será no período da manhã, tomaremos juntos o café.

Para mobilizar alunos, professores, funcionários e pais, escolhemos um **tema norteador**: "A Escola de nossos sonhos".

É possível perceber que algumas das iniciativas listadas acima apresentam um tema norteador do encontro: "A Escola de nossos sonhos" e "Vamos dar as mãos e construir uma escola melhor", por exemplo. A proposta principal, portanto, foi quebrar com a imagem de reuniões exaustivas e desmotivantes e investir na ideia de participação, mudança e responsabilização.

Durante o processo é necessário pensar *modos ampliados de divulgação*. Para isso é importante manter a comunidade informada dos próximos passos, das datas de reunião e de ações já colocadas em prática. Além disso, tentar envolver outras pessoas e/ou instituições que estão no entorno da escola – como igrejas, lideranças comunitárias, ONGs, restaurantes, padarias, bibliotecas, parques, etc – é um grande passo para que novos sujeitos fiquem cientes e chamem para si algumas responsabilidades. Há várias maneiras de se divulgar o evento: cartazes, anúncios nas rádios comunitárias e escolares, bem como durante os cultos religiosos nas igrejas da região.

Usamos também como meio de mobilização a **Rádio Santaninha** (...). O espaço da rádio é um veículo de comunicação muito utilizado dentro do ambiente educativo.

Colocamos no mural da escola um **convite** aos pais com mais de uma semana de **antecedência** e **dois dias** antes da reunião foi enviada uma **carta convite** pelos alunos da escola.

Fixamos no pátio da escola um **calendário** que previa a **chegada da data da pesquisa**.

Foram feitos **cartazes** de divulgação, **bilhete informativo** para todos os pais e **parceria com os motoristas e monitoras do ônibus escolar** para divulgar o evento, conversar com os alunos, chamar professores, funcionários e colaboradores da escola.

A mobilização da comunidade foi feita através de **convite individual** para a Presidente do programa **amigos de bairro**, na UBS (**Unidade Básica de Saúde**), **Igreja** próxima a escola, bilhetes nas agendas dos alunos e **convocação da APM e Conselho de Classe e Série**.

A comunidade escolar foi responsável (**APM, Conselho de Escola, Grêmio Estudantil**) pela mobilização da comunidade e investiu em **cartazes no transporte coletivo e faixa na escola**, além de **comunicação escrita** aos pais e ampla **divulgação oral**.

Os alunos do **Grêmio Estudantil** espalharam pelo **comércio do bairro** cartazes convidando a comunidade para um dia especial. A presidente do Grêmio Estudantil **utilizou um megafone** chamando os pais para reunião de uma maneira bem divertida. Organizamos uma **Gincana** no pátio com a professora de Educação Física, para que as **crianças menores** participassem enquanto seus pais discutiam os indicadores.

Chamamos também alunos do **Grêmio Mirim** para participarem da reunião e os demais alunos da escola.

É interessante notar que cada uma das iniciativas de convocação da comunidade escolar contempla mais de uma estratégia: cartazes no comércio local e gincana para crianças pequenas; reunião da APM, cartazes no transporte coletivo e faixa na escola; um convite com antecedência e outro mais perto do encontro. A conjugação de múltiplas estratégias de divulgação é importante porque permite que as informações sejam mais abrangentes, alcançando uma grande variedade de pessoas (além dos pais e mães, também as lideranças comunitárias, representantes de ONGs, etc.).

Além dos passos acima, vimos na experiência do Vale do Paraíba várias ações que foram utilizadas com a intenção de garantir a participação das pessoas na reunião. Tais ideias normalmente são pensadas para a divulgação, mas estão mais ligadas à **garantia de condições de participação**. Escolher o dia e o horário da reunião é muito importante para que essa se realize com o maior número de pessoas possível. Mas também há outras coisas que podem ser feitas para além da escolha do melhor dia e horário. Vejamos algumas ações interessantes de diversos planos de ação:

No dia marcado, **sábado**, enfeitamos a entrada da escola com um grande túnel de pano (**o túnel dos sonhos**), no qual continha as **produções** dos alunos sobre a **escola de seus sonhos**. Pertinente ao tema, fizemos a abertura da reunião com uma aluna **fantasiada** de fada que abriu a cortina da mostra de desenhos. Foi uma entrada atípica, **reflexiva** e muito emocionante.

O **horário** da reunião foi após a aula do **último período**, às 17h30. O objetivo de fazermos este horário foi para atender a **maioria** dos pais.

Após a reunião houve um **lanche aos convidados** presentes no qual foi servido café, suco, bolo, pipocas, torradas e geléias.

Foi agendado num **sábado**, no horário da manhã e, para atrair as pessoas, uma professora deu a idéia de **fazer um chá**. Desse modo, fizemos os convites do **1º Chá da Primavera** de nossa escola e convidamos todos a trazerem um prato de doce, bolo ou pão para a reunião. A escola também fez pães, bolos, chás de várias ervas, sucos e café. Além disso, fizemos **exposições de poesias** e enfeitamos a escola com **flores**, desde o portão de entrada. No dia do evento, tivemos a presença de cento e dezesseis pessoas, sendo pais, alunos, funcionários e professores.

Os exemplos acima mostram que estratégias por vezes simples, como organizar um lanche ou mesmo um chá, são soluções eficientes e estão ao nosso alcance. Podemos ver alguns outros cuidados que podem influenciar uma boa participação na reunião: a construção do túnel dos sonhos, condizente com o exercício proposto na mobilização daquela escola – “A Escola de nossos sonhos” – e a exposição de produções dos alunos que refletem um trabalho realizado com eles sobre o que irá acontecer na escola são maneiras de conseguir envolver e acolher a comunidade escolar nas atividades que serão desenvolvidas.

Por fim, mas também muito importante é o estabelecimento de um *canal permanente de comunicação* com a comunidade sobre os processos de implementação do projeto. Nesse sentido a sistematização dos resultados das atividades desenvolvidas: é uma forma das pessoas visualizarem os frutos de seu trabalho e assim se sentirem estimuladas a participar da continuidade do projeto. Normalmente quando as pessoas se envolvem em atividades e não vêem retorno, elas tendem a se desligar gradativamente ou mesmo se sentem desmotivadas em participar de outras propostas.

Como falamos, é necessário previamente *dotar de sentido* a atividade, também é fundamental manter essa *cumplicidade* após sua realização. Isso se consegue com *publicização*. No caso dos *Indicadores da Qualidade na Educação*, isso ocorre na discussão de plenária e na divulgação do plano de ação para iniciar a etapa de resolução dos problemas indicados no dia da avaliação.

Outras devolutivas dos desdobramentos da avaliação podem ser realizadas pelo grupo responsável pela coordenação dos *Indicadores* na escola como: cartazes fixados no mural para que todos vejam a sistematização da avaliação e os próximos passos, nova mobilização da comunidade escolar para apresentação dos resultados, exposição de fotos ou produções que explicitem os principais avanços e desafios etc.

O projeto foi **escolhido** pelos pais e alunos, o Plano de Ação foi **fixado no mural** da escola para conhecimento de todos.

4. AMARRANDO OS FIOS

Ao compreendermos que a melhoria da qualidade na educação é uma tarefa que envolve toda a comunidade escolar – alunos, professores, equipes técnica e gestora, pais, mães, lideranças comunitárias, lideranças religiosas, ONGs, poder público, etc. – e que a metodologia de avaliação participativa proposta pelos *Indicadores da Qualidade na Educação* é uma forma de iniciar esse processo coletivo de reflexão é importante:

- Compreender que a realidade social é constituída social e historicamente.
 - Portanto é passível de *mudança*.
- A mudança proposta, na maioria das vezes, exige a participação de várias outras pessoas e instituições.
 - Portanto é necessário *mobilizá-las* para tal.
- Qualquer mobilização só acontece quando as pessoas vêm sentido para o que estão sendo chamadas.
 - Portanto é necessário *dotar de sentido* a atividade.
- A atividade somente acontece se as pessoas são informadas.
 - Portanto é necessário *divulgar* a atividade.
- Mesmo assim a atividade pode não ocorrer.
 - Portanto é necessário *garantir as condições* de participação
- Por vezes o interesse decresce após a atividade.
 - Portanto é necessário *criar um canal permanente de comunicação* sobre os resultados.

5. BIBLIOGRAFIA INDICADA

ARELARO, Lisete R.G.. Formulação e implementação das políticas públicas em educação e as parcerias público-privadas: impasse democrático ou mistificação política?. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, Outubro. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302007000300013&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 27/08/2009.

GHANEM, Elie. Educação e participação no Brasil: um retrato aproximativo de trabalhos entre 1995 e 2003. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 30, n. 1, Abril. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000100009&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 27/08/2009

GOHN, Maria da Glória. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saude soc.**, São Paulo, v. 13, n. 2, Agosto. 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000200003&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 27/08/2009

RIBEIRO, Vera Masagão; RIBEIRO, Vanda Mendes; GUSMAO, Joana Buarque de. Indicadores de qualidade para a mobilização da escola. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 35, n. 124, Abril. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000100011&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 27/08/2009.

TORO A., José Bernardo. Mobilização Social: um modo de construir a democracia e a participação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, Secretaria de Recursos Hídricos, Associação Brasileira de Ensino Agrícola Superior – ABEAS, UNICEF. 1997.

6. A ONG AÇÃO EDUCATIVA

A Ação Educativa é uma organização não governamental fundada em 1994, sob a forma de sociedade civil sem finalidade lucrativa, que tem como missão contribuir para a constituição e efetivação de direitos educativos e da juventude, tendo em vista a promoção da justiça social, da democracia participativa e do desenvolvimento sustentável no Brasil.

Para realizar a sua missão, a Ação Educativa combina diferentes estratégias: ação local e experimentação pedagógica; formação e capacitação de jovens, educadores e outros agentes sociais; articulação e participação em redes e fóruns em âmbito local e nacional; promoção de campanhas de sensibilização e mobilização; pesquisa e difusão de informações e conhecimentos; promoção de debates e intercâmbio, produção de materiais educativos, assessoria a órgãos públicos, lobby e advocacy junto aos poderes executivo, legislativo e judiciário.

A opção por combinar essas diversas estratégias constitui a própria identidade da Ação Educativa. Trabalhando em praticamente toda a cadeia de soluções, ganha legitimidade junto a diferentes atores sociais e constrói canais entre eles. Reunir os diferentes, promover o diálogo e a colaboração é a principal marca do estilo de atuação da entidade.

Ao longo de seus mais de 20 anos de atuação, a Ação Educativa construiu competências, acumulou aprendizagens, recursos e relações que serão fundamentais para a realização dos objetivos previstos neste projeto. Dentre eles, destacam-se:

- ✓ reconhecimento e capacidade de articulação de atores em nível nacional e local (coordenação de várias redes e articulações);
- ✓ excelência técnico-pedagógica: (produção de materiais didáticos largamente utilizados, prestação de serviços de assessoria e formação para educadores e jovens)
- ✓ excelência na pesquisa (realização de diversos projetos de pesquisas em parceria com universidades e apoio de órgãos de fomento nacionais);
- ✓ meios de comunicação e informação (um website que em 2004 registrou 76938 acessos)
- ✓ representatividade no campo das ONGs no nível nacional e internacional (dois mandatos na presidência da ABONG, participação em diversas redes e articulações internacionais, representação da sociedade civil em iniciativas promovidas por organismos multilaterais).

A Ação Educativa coordenou a iniciativa de elaboração dos *Indicadores da Qualidade na Educação* (para o Ensino Fundamental) em 2003 e vem coordenando também sua disseminação desde 2003. Em 2008 e 2009 coordenou a elaboração dos *Indicadores da Qualidade da Educação Infantil* e entre 2010 e 2012 desenvolveu os *Indicadores de Relações Raciais*, tendo portanto acumulado experiências e um amplo leque de relações que favorecem a implementação dessa proposta, agora

voltada para a articulação do uso dos três *Indicadores* na ampliação da participação das escolas na elaboração dos Planos Municipais de Educação e na construção dos *Indicadores do Ensino Médio*.